

## A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE UM REPOSITÓRIO DIGITAL COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO E COMPARTILHAMENTO DE DOCUMENTOS PARA FINS DE PESQUISA

Vivian Galdino de Andrade - [vivetica@hotmail.com](mailto:vivetica@hotmail.com)  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

**RESUMO:** Este artigo é fruto das atividades desenvolvidas pelo projeto de pesquisa PIBIC (2015/2016) intitulado: “Impressos pedagógicos, jornais e documentos escolares como fontes para a história da educação de Bananeiras durante as décadas de 1920-1950”. Este trabalho de iniciação científica teve por objetivo geral investigar, coletar e digitalizar fontes documentais (jornais, revistas, documentos e demais impressos pedagógicos) que circularam em Campina Grande e em Bananeiras no período estudado. Cientes que novos desafios são vivenciados diariamente aos pesquisadores /historiadores da educação em seu relacionamento com as fontes, que vão muitas vezes da falta de socialização dos arquivos à preservação, consulta e distância - no espaço e no tempo - de muitos eventos históricos. Questões como essas têm impossibilitado o acesso dos pesquisadores a estes arquivos recheados de passado. Por isso, entre nossos objetivos ainda estava à constituição de um arquivo digital sob a guarda da Universidade Federal da Paraíba – Campus III. Nossa intenção permeava, especificamente, a disponibilização destas fontes digitalizadas à comunidade acadêmica, como também aos demais sujeitos habitantes da cidade de Bananeiras, como estímulo ao conhecimento e valorização de sua própria história. Para compor este artigo, buscamos como procedimento metodológico relatar os passos da pesquisa, que rodeiam desde o processo de levantamento, coleta e digitalização destes vestígios da história da educação de Bananeiras ao traçado do percurso de criação e constituição do repositório digital “HEB – História da Educação do município de Bananeiras”, como um espaço democrático de socialização de fontes documentais para pesquisa em História da Educação da Paraíba. Neste contexto, nos amparamos teoricamente em autores como José Gondra, Diana Vidal e Clarice Nunes, que se dedicaram a estudar as fronteiras entre a História da Educação e as Novas Tecnologias, áreas do conhecimento aparentemente díspares, mas que muito se comunicam na arte e na tarefa de fazer pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repositório digital; Fontes; Acesso; História da Educação.

As fontes históricas se constituem como a matéria prima do historiador, relatos, documentos, vestígios que narram um passado, conduzindo o leitor pelos becos, meandros e interstícios de uma história, ainda a ser produzida, ainda a ser relatada e “descoberta”<sup>1</sup>. Este é, em linhas gerais, o papel do historiador, de produzir uma narrativa - nada ficcional - do que aconteceu. As fontes históricas conferem “prova” e legitimidade a este trabalho de historiar o passado. Saviani (2004, p.XIII), discorrendo sobre a angústia do historiador ao tentar apreender o passado anuncia:

Como é sabido, por muito tempo, história e narrativa confundiam-se, sendo a história o “relato daquele que viu”. Quando o historiador não tinha visto o ocorrido,

<sup>1</sup> Mencionamos descoberta no sentido de apresentada ao leitor, fazendo-se conhecida por ele. Toda narrativa histórica é fruto de uma descoberta, de um vestígio de passado que permite a produção de discursos/versões sobre ele.



mas ouviu dizer sobre ele, ou soube determinado feito, surgiu o desafio de encontrar fontes que o informassem sobre os fatos e acontecimentos. Superando as limitações impostas pela transmissão oral do passado, desde a Antiguidade, os historiadores têm buscado reunir e organizar objetos arqueológicos, monumentos e documentos que tornam possível a escrita da história

Fruto de um anseio de comprovação, interpretação e/ou compreensão do passado, as fontes surgem como grandes achados, que dão contornos substanciais a escrita do historiador. Exemplificando esta sensação de (re)encontro, (re)descoberta, produção e reescrita da história, trazemos ao leitor o cogitado livro de [Stephen Greenblatt](#), “A Virada - O nascimento do mundo moderno” (2009). Fruto de uma pesquisa, o livro relata a história de Poggio Bracciolini, um caçador de livros italiano, que ao descobrir o poema de Lucrécio – *Da natureza* – em 1417, dá novos ensejos sobre a compreensão moderna de mundo, desde a matéria de que é composta o universo (átomos), a evolução das espécies e à inexistência de um plano superior/divino. Foi perseguindo fontes e indagando os discursos legitimados como verdadeiros pelo cristianismo, que Bracciolini sai em constantes expedições pelos mosteiros, a procura de obras proibidas, de fontes escondidas. Neste contexto dar-se a grande “descoberta”, o encontro com o texto do epicurista Lucrécio, que segundo o autor “[...] me deu a impressão de ser um relato impressionantemente convincente de como as coisas realmente são” (GREENBLATT, 2009, p.8). Esta fonte deu início à construção de novos discursos renascentistas sobre a criação do mundo e do homem, traduz a importância das fontes históricas para a produção da História.

Nesta perspectiva, as fontes costumam ser caçadas pelos historiadores e muitas vezes encontradas degradadas pela ação do tempo, escondidas em arquivos pessoais e institucionais ou tão somente privadas do leitor. Foi nesta intenção que sentimos a necessidade de constituir um repositório digital que disponibilizasse as fontes, que desse acesso aos pesquisadores para a produção de novas histórias e descobertas sobre Bananeiras, nosso território de pesquisa<sup>2</sup>.

Tínhamos em vista que os Repositórios Digitais eram sítios eletrônicos que armazenavam conteúdos gratuitos a serem pesquisados, acessados, visualizados e reutilizados em diversas pesquisas. Desta forma, trabalhamos com um tipo de inclusão que é digital e também social, na medida em que possibilitamos a comunidade acadêmica e também local a ter acesso a documentos que narram vestígios de seu passado e que, por motivos outros, se encontravam desconhecidos e engavetados.

<sup>2</sup> O município de Bananeiras está localizado na microrregião do Brejo paraibano. Sede do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), era uma das poucas cidades que até a década de 1920 possuía instituições federais.

## UM FORTUÍTO ENCONTRO ENTRE A HISTÓRIA E A TECNOLOGIA

Com as Novas Tecnologias o próprio conceito de fonte histórica passa a sofrer alterações. Cambiando entre as formas impressas e virtuais, as fontes históricas se vêm obrigadas a ampliar suas concepções, passando a considerar a era digital como espaço promotor de história e eventos. A memória passa a ser, assim, automatizada por softwares e hardwares, sites e bits que recodificam a própria noção de tempo. O fazer pesquisa em História da Educação passa ganhar inúmeros caminhos e possibilidades, uma vez que pelo intermédio das Novas Tecnologias entrevistas são gravadas em áudios, transcritas e disponibilizadas a sociedade; arquivos de época são digitalizados e tornados acessíveis na rede; Bibliotecas e Museus históricos estão reconfigurados para exibição online. São as novas estratégias e os novos espaços de inclusão social e digital.

Neste contexto, a constituição de um repositório digital torna acessível aos pesquisadores da educação jornais, documentos e demais impressos de época. No livro “Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias – questões para a história da educação” (2000), tivemos acesso a diversas experiências de criação de repositórios digitais, que partiam de um ponto em comum: a discussão sobre os desafios que permeavam a iniciativa de digitalização de uma documentação histórica. As políticas de guarda, descarte, acesso, financiamento e estabelecimento de protocolos reguladores são, dentre tantos outros aspectos, abordados neste livro. Estas questões incidem diretamente em torno da preservação do patrimônio documental e da sua disponibilização e acesso.

Sobre isto, trazemos aqui as dificuldades e as inúmeras indagações que rodearam a nossa experiência de pesquisa em particular, quanto a esta problemática: 1. A utilização de tecnologias adequadas para o desenvolvimento de tais atividades, desde a dimensão técnica (dos equipamentos) ao conhecimento necessário de aplicativos e programas para a disposição destes arquivos na internet; 2. A preocupação sobre o levantamento e seleção desta documentação que ficará disponível na rede (que atravessa questões que cercam desde a dificuldade de encontrar e ceder as fontes às questões legais e de autoria); 3. Questões voltadas ao estabelecimento de protocolos necessários para a produção de instrumentos e suportes de pesquisa; 4. Como tornar o repositório um espaço de inclusão social, enquanto espaço de acesso ao conhecimento histórico da cidade?

Argumentando também sobre estas questões Bonato (2004, p.89), no texto “O Uso das Fontes Documentais na Pesquisa em História da Educação e as Novas Tecnologias” propõe



um triálogo entre as áreas da história da educação, da arquivologia e da informática, visando ser necessário que

[...] o historiador da educação esteja disposto a apreender os princípios da arquivologia e se coloque o desafio de compreender as novas tecnologias e de reavaliar os supostos do seu campo de atuação, e que o arquivista e o informata profissionais sensíveis às questões da preservação da memória estejam dispostos a reavaliar suas práticas de trabalho, se aproximando dos interesses da produção científica, especificamente da pesquisa histórico-educacional.

Seria por meio desse triálogo que se viabilizaria a produção de instrumentos de pesquisas, com índices auxiliares que apontassem para as zonas de interesse do pesquisador da educação. Mas vale ressaltar que isto é fruto de um processo gradual, “são atividades caras e lentas, que envolvem um trabalho meticuloso dos técnicos” (BONATO, 2004, p.90), além de associar sujeitos de áreas distintas. Questões como a classificação e a catalogação também implicam em conhecimentos próprios da área de biblioteconomia que dificultam ainda mais a criação dos repositórios.

Vidal (2002), em seu texto “O livro e a biblioteca, o documento e o arquivo na Era digital” discute como surge a necessidade de transformar o impresso em digital, quando descreve que:

Projeções escatológicas, como a prosa fantástica de Cortázar, previam para o futuro a impossibilidade física de preservação da massa de impressos gestada pelas sociedades modernas. Nessa cena, alavancadas pelos avanços das novas tecnologias, como o surgimento dos scanners e dos programas de leitura e deciframento de textos-imagens (OCR – optical character recognition), ganharam corpo, nos últimos 20 anos, propostas de substituição do impresso pelo digital, como forma de conservar o conjunto das informações produzidas. (VIDAL, 2002, p.55)

Nesta perspectiva, a autora indaga a política do descarte e da preservação, quando anuncia que a obra original muitas vezes era descartada pela existência de sua versão digital. Tal iniciativa esvazia o espaço físico das bibliotecas, impossibilitando que encontros com os livros e com tudo o que eles proporcionam sejam despertados (desde os estímulos visuais – como a página amarelada; sonoros - o som da folha ao ser lida e passada; aos olfativos – as diversas sensações que o cheiro dos livros novos e antigos despertam). Ao lançar mão desta reflexão, a autora defende a postura do saudável convívio entre o que é digital e o que é impresso, propondo a “constituição de instituições híbridas de guarda e difusão do saber” (idem, p.56), que servirão de espaços de inclusão e acesso ao conhecimento.

Sobre a fragilidade do suporte digital, a autora destaca a preocupação quanto a durabilidade da informação depositada em hardwares e softwares e as condições dos equipamentos leitores. Quanto ao documento impresso (seja livro ou outra fonte histórica) ela





chama atenção para um fator interessante, se o impresso sugere uma postura crítica do leitor, sua versão digital exigiria ainda mais:

[...] para além da formação de leitores críticos, municiados de questionamentos sobre a credibilidade das páginas e das informações que veiculam, atentos para recriar o contexto dos dados, inclusive valendo-se de outras fontes não digitais e interrogando-se sobre texto, imagens e sons associados, que examinem as páginas sob o ponto de vista da crítica documental; sejam preparados hiperleitores, hábeis na crítica ao digital enquanto discurso. Estes últimos não se contentariam em problematizar a informação, o conteúdo, difundido, mas debruçar-se-iam sobre a forma de veiculação, buscando compreender a maneira como os links conformam a leitura e a compreensão de um determinado material, ao estabelecer conexões entre páginas e informações diversas, recriando associações, comparações e significados. VIDAL, 2002, p.57)

Também nesta direção, Werle (2002) discute mais especificamente o arquivo escolar e a natureza do documento. Em seu texto “Documentos escolares: impactos das novas tecnologias”, a autora discute a presença das TIC no registro das ações da escola e a tessitura do novo formato de documento escolar. Em cada época existia uma tecnologia própria de feitura de um documento, desta forma as tecnologias perpassam o tempo tanto quanto a história. Seu texto nos fez pensar sobre as estratégias de levantamento e digitalização do arquivo do Grupo Escolar Xavier Júnior, sobre o qual nos debruçamos e falaremos a seguir. Esta escola é o primeiro grupo escolar da cidade de Bananeiras, sendo fundado em 1934. Como o grupo ainda se encontra em funcionamento, suas formas de registro de notas e frequências também deve ter se modificado, digitalizado.

Não só a natureza e o arquivo passam a ser concebidos de formas distintas, mas o próprio relacionamento entre pais e escola também passa a ser ressignificado. Segundo a autora, com a existência deste ambiente virtual para tratar às questões do cotidiano escolar a interação entre os sujeitos que vivem este processo passa a ser impessoal. Apesar da existência de ambientes personalizados na rede, do encurtamento das distâncias, de uma maior noção de inclusão digital, por meio da conectividade, é um traço marcante das TIC a impessoalidade. Pensando sobre isto, Werle (2002, 93) traduz bem as implicações da inserção destas tecnologias no cotidiano e nas novas relações que se dão na escola.

Para além dos suportes tecnológicos que se alteraram, modificaram-se as identidades e os papéis do diretor, do professor e do pai, as relações entre a escola e os pais e a própria identidade da instituição escolar. Alteram-se, a partir das modificações tecnológicas, as noções de documento, arquivos, os conceitos de preservação e a empiria com que o pesquisador de história da educação maneja. [...]Não apenas o ofício do historiador da educação será afetado...É possível que cada vez mais o pesquisador de história das instituições educativas tenha que se deparar com documentos de diferentes formatos, tanto documentos de papel, como documentos legíveis em máquinas. Estas características dos documentos exigirão que o



pesquisador manuseie documentos em bancos de dados, o que altera sua relação com o documento e as competências que deverá desenvolver.

Seu texto também nos levou diretamente a refletir sobre o tempo presente, quando um dia nossas gerações de sujeitos escolares serão estudadas por pesquisadores futuros, que terão que recorrer aos bancos de dados das escolas (quando salvos) para obter informações sobre a cultura e o contexto escolar de cada aluno. Como ter acesso a esta nova condição de fontes? As tecnologias não só alteraram a forma de registro dos dados escolares, mas implicam em transformações significativas no ato da pesquisa e na produção do conhecimento histórico-educacional.

## **BUSCANDO E MAPEANDO AS FONTES**

Para compor o acervo digital do repositório partimos em busca das fontes impressas. Inicialmente fizemos uma visita à Secretaria de Educação do município de Bananeiras para sondagem dos possíveis locais e arquivos a serem pesquisados na localidade. Nos foram indicados: 1. Espaço Cultural Oscar de Castro onde está localizada a Secretaria de Cultura Isabel Burity; 2. A Biblioteca Municipal<sup>3</sup>; e 3. o Memorial do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros. Destes espaços visitados foram encontradas e digitalizadas fontes apenas da Secretaria de Cultura Isabel Burity. Resolvemos abrir mão dos arquivos do Memorial do CAVN, por possuir um acervo extenso que demandaria anos e mais anos de trabalho para a sua digitalização. Nosso projeto se constituiu apenas com um bolsista, e no curto espaço não teríamos como dá conta de tal desafio.

Ainda em Bananeiras visitamos o Grupo Escolar Xavier Júnior. Neste espaço tivemos o contato com o arquivo da escola, em sua grande maioria documentos das décadas de 1960 e 1970. As fontes referentes à inauguração do grupo, e que se localizam no nosso espaço temporal, haviam sido extraviadas na última reforma pela qual passou a instituição. Só conseguimos ter acesso as atas de inauguração do grupo, de reuniões da cooperativa escolar e do 'Sporte Clube' da escola. Todo este acervo foi digitalizado e disposto no repositório digital criado pelo projeto.

Em Campina Grande, visitamos o acervo existente na Biblioteca Atila Almeida (pertencente à Universidade Estadual da Paraíba) e o acervo do Museu Municipal (agora localizado no Museu Vivo Assis Chateaubriand). Nestes espaços encontramos todos os jornais

<sup>3</sup> Na Biblioteca Municipal só foram encontrados livros clássicos e compêndios. Materiais que não poderíamos digitalizar porque extrapolavam nosso marco temporal.



e revistas digitalizados. Para uma melhor visualização das fontes consultadas e digitalizadas elaboramos o quadro a seguir:

<b>FONTES</b>		
<b>ANUÁRIOS E RESENSEAMENTO DO BRASIL</b>	Anuários Estatísticos da Paraíba (1930, 1931 e 1932) e Recenseamento do Brasil (1920 e 1940)	Não foram digitalizados por nós, mas se encontram disponíveis para acesso no nosso repositório
<b>JORNAIS</b>	Jornal O Mirante (1892) Jornal o Labor (1896) Jornal O Rebento (1899) Jornal O Lapis (1901) Cidade de Bananeiras (1908) Correio do Moreno (1927) Comércio de Campina (1932) Evolução Jornal (1934 e 1935) O Nego (1930) O 243 (1930) O Estudante (1940) Tribuna do Estudante (1951) Jornal do Estudante (1953) O Cometa (1954) Jornal O Disco Voador (1955) Jornal A Encrenca (1957 e 1958)	Os cinco primeiros jornais citados foram gentilmente cedidos pela Fundação Joaquim Nabuco, em formato de microfilme. Os demais jornais foram digitalizados.
<b>REVISTAS</b>	Revista Evolução - 1932 (9 fascículos) Educação e Trabalho - 1947 Revista Regional, Curimataú e Brejo em Revista Periódica - 1980/90 Revista Ponto de Cem Réis (1994) Revista Era Nova - 1922	A Revista Ponto Cem Réis foi encontrada apenas a capa. Já a Revista Era Nova teve sua primeira publicação realizada na cidade de Bananeiras e continua em processo de digitalização
<b>LIVROS DE MEMÓRIAS</b>	Reminiscências: capítulos da história do Patronato Agrícola (1994); Bananeiras: sua história, seus valores (1997); Reminiscência de Patronato a Colégio Agrícola: 80 anos (2004); História do Patronato ao Colégio Agrícola nos seus 90 anos (2014); Bananeiras: Apanhados Históricos (2007); 90 anos CAVN: em comemoração aos 90 anos de história do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (1924-2014).	Todos os livros de memória são de autoria de Manoel Luiz da Silva. Uns foram adquiridos no Sebo e outros foram gentilmente emprestados pelo próprio autor. Este material foi apenas consultado e por uma questão de direitos autorais não pôde ser disponibilizado no site.
<b>ARQUIVO DA ESCOLA XAVIER JÚNIOR</b>	1. Atas de inauguração (1934) 2. Atas de reorganização do Clube Agrícola (1942) 3. Atas de reunião da Cooperativa Padre Gabriel Toscano (1949) 4. Atas de reunião do Xavier Júnior Sporte Club 5. Diários de Classe 6. Listas de Exame 7. Ficha Funcional e Portaria de Admissão 8. Planta Baixa da Escola	A digitalização do acervo do Grupo ainda não foi totalmente concluída. Nosso projeto com o PIBIC se encerrou, mas o trabalho de pesquisa continuará por meio de trabalhos de conclusão de curso (TCC).
	1. Ata de fundação do Patronato	



<b>ACERVO DO CENTRO CULTURAL ISABEL BURITY</b>	Agrícola 2. Ata de descrição dos Monumentos 3. Documentos da Secretária de Educação e Cultura 4. Páginas da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros referente a Bananeiras 5. Documento descritivo sobre o município de Borborema (pertencente no passado a Bananeiras)	O acervo do Centro não estava catalogado e poucas documentações apresentam datação. Muito ainda existe para ser levantado, livros e compêndios de época também foram encontrados.
--	---	---

Tínhamos como meta visitar outros acervos na cidade de João Pessoa, mas infelizmente, até o término do projeto não conseguimos realizar tal atividade. Ainda no final do projeto soubemos da existência de um acervo particular de Manoel Luiz da Silva, onde agora nos dedicamos na segunda versão do projeto PIBIC (2016/2017).

#### **“HEB” – UM REPOSITÓRIO DIGITAL**

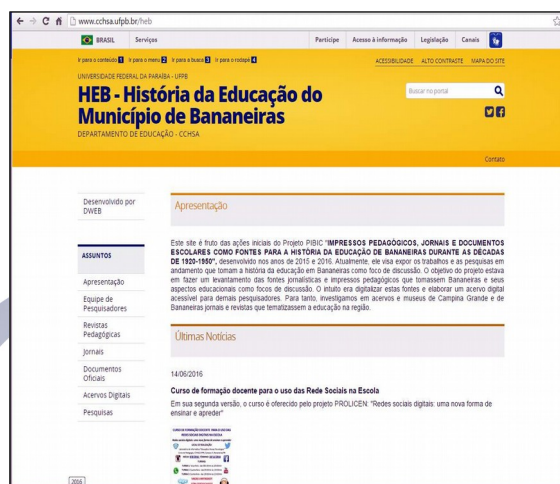
Nosso trabalho, como já apontamos, gestou a página da HEB – História da Educação de Bananeiras - um repositório digital situado numa página institucional diretamente ligada a Universidade Federal da Paraíba. A proposta da HEB é de sensibilizar pesquisadores, estudantes e também habitantes de Bananeiras em torno de uma cultura de preservação do que é histórico e educacional. Seu objetivo também cerca a possibilidade de disponibilizar aos estudiosos da área fontes históricas de maneira mais acessível, despertando o desejo e a realização de pesquisas sobre as temáticas educacionais que cercam Bananeiras e as cidades circunvizinhas.

Nosso intuito era diminuir as distâncias entre o pesquisador e sua fonte. Mas o contato com o documento impresso e com o lugar onde ele está sediado é imprescindível. Estando ou não organizado a ida ao arquivo, o encontro com o documento físico, produz no pesquisador estímulos diversos e indescritíveis, revestindo-o da postura detetivesca que tanto fala Carlo Ginzburg em seus estudos sobre o paradigma indiciário. Associar a consulta dos arquivos à navegação por um acervo digital pode se revelar numa rica estratégia de pesquisa. Como aponta Vidal (2002, p.61)

Mais do que negar a neutralidade do artefato eletrônico, e discutir sobre seu bom ou mau emprego, o que se coloca em pauta é perceber o digital como uma nova materialidade que acarreta mudanças no corpo, nas relações pessoais, temporais e espaciais, e nos modos de ler e produzir significados (ainda tendo a certeza de que não podemos antecipar todas as repercussões futuras de seu uso). E compreender que a existência das novas tecnologias não determina que antigos procedimentos sejam abandonados. Organização, catalogação, descarte são operações necessárias até mesmo para a indexação de informações no meio digital.



Em visita ao STI – Superintendência de Tecnologia da Informação da UFPB, gestamos o site<sup>4</sup> da HEB. Algumas limitações nos são impostas, como o design padrão, já existente no sistema, e a administração do mesmo<sup>5</sup>. As abas dispostas no “Menu” são abertas pelo funcionário do STI como também toda a configuração e a execução das ferramentas são orquestradas por ele. Para o administrador resta apenas a função de alimentar o site de informações.



FONTE: <[www.cchsa.ufpb.br/heb](http://www.cchsa.ufpb.br/heb)>

Como podemos visualizar na imagem acima, a HEB traz em seu “Menu de assuntos” os seguintes eixos:

1. **Apresentação** – Traz os objetivos iniciais do projeto e o contato virtual da página<sup>6</sup>.
2. **Equipe de pesquisadores** – Neste item trazemos os orientandos de TCC, que estão desenvolvendo trabalhos na área de História da Educação.
3. **Revistas Pedagógicas e Jornais** – Nestas abas direcionamos o navegador as revistas consultadas.

<sup>4</sup> O site é pensando diretamente com um funcionário do STI. Quem nos auxiliou nesta construção foi Daniel Araújo.

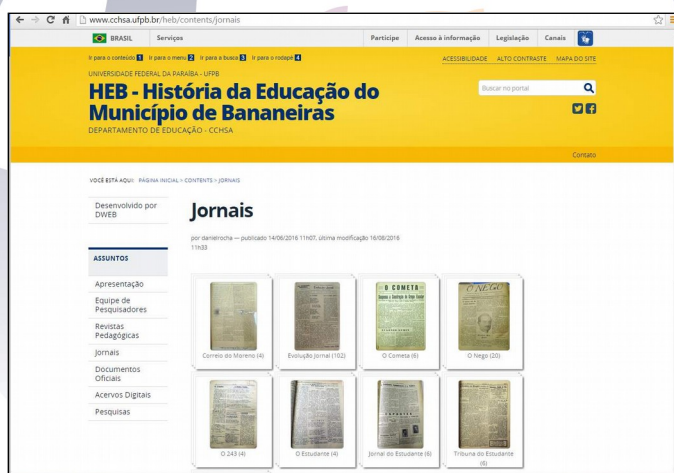
<sup>5</sup> A área de Gerência de Desenvolvimento de Sites justifica esta ação, quando aponta: “Ao criarmos websites, portais baseados em um dos mais confiáveis Content Management System (CMS) disponíveis hoje no mundo (PLONE), temos como foco principal não a tecnologia, mas o usuário. Por isso, a Gerência de Desenvolvimento de Sites (GWEB) planeja com cuidado os ambientes web de nossos centros, departamentos, coordenações, laboratórios, comitês, secretarias e agências de modo a estreitar ao máximo a relação com os ambientes digitais, privilegiando o acesso rápido, fácil e seguro à informação, beneficiando assim toda a Universidade Federal da Paraíba (UFPB)”. Disponível em: <<http://security.ufpb.br/gweb>>. Acesso em 26/08/2016.

<sup>6</sup> Um email foi criado, HEBcchsa@hotmail.com. Nossa escolha pelo hotmail como servidor se deu pelo acesso ao *Onedrive*. Em caso de arquivos muito pesados, como os Anuários Estatísticos, foi preciso dispor da nuvem, uma vez que no site a um limite de tamanho dos arquivos postados.



4. **Documentos Oficiais**<sup>7</sup> – Neste item trazemos os documentos do Arquivo do Grupo Xavier Júnior<sup>8</sup>, da Secretaria Cultural Isabel Burity e do Colégio Estadual de Solânea<sup>9</sup>.
5. **Acervos Digitais** – este espaço direciona o visitante a navegar em outros acervos digitais disponíveis na rede.
6. **Pesquisas** – Aqui trazemos alguns trabalhos acadêmicos que tomam Bananeiras como temática de discussão.

A escolha destes eixos temáticos partiu do encontro com as fontes. À medida que íamos encontrando documentos de diversas especificações íamos criando subpastas. A temporalidade passou, de certa forma, a ser desconsiderada, uma vez que não encontramos em larga escala fontes que subsidiassem nossa demarcação temporal de pesquisa. Outras limitações ainda são apresentadas pelo site, como a não abertura de outras abas para o acesso de muitas imagens internas ao mesmo tempo. O site ainda disponibiliza uma área de informações, nomeada de “Últimas notícias”. Neste espaço deixamos informações sobre eventos, palestras e demais avisos e novidades sobre a temática. Nesta disposição de conteúdos, a HEB é significativamente feita de imagens, que aparecem em forma de álbum.



FONTE: <<http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/jornais>>

Trabalhar com imagens se torna uma operação difícil, uma vez que o jornal/revista a ser digitalizado pode estar em condições precárias, estando danificado pela ação do tempo. Programas como o que utilizamos - o Photoshop - podem auxiliar na recuperação da imagem, mas dependem claramente da forma como ela foi capturada. A iluminação do lugar, o estado

<sup>7</sup> "Documento oficial denota informação registrada que é apreendida como uma entidade física e cujos atributos nos ajudam a fornecer a prova autêntica e contemporânea de uma operação ou transação" (DOLLAR, 1994. Apud WERLE, 2002, p.83).

<sup>8</sup> "Todo o documento de arquivo é produzido em cumprimento a uma fase do processo decisório e visa proporcionar o desencadeamento das operações que se convertem em atos/fatos administrativos... a finalidade principal dos documentos em fase corrente é informar, legalizar e corroborar, passo a passo das rotinas administrativas a sistemática de tomada de decisões. Cada item documental encerra em si a memória de um ato/fato administrativo." (Silvino Filho, 1995. Apud WERLE, 2002, p. 79).

<sup>9</sup> Este último foi obtido no trabalho acadêmico de Edinaldo Cordeiro Pinto Júnior.



das fontes e o equipamento utilizado incidem diretamente na qualidade da imagem que será disponibilizada no repositório.

De maneira ainda muito artesanal digitalizamos os jornais, revistas e demais fontes que tivemos acesso, transformando estes documentos em imagens formato Jpeg, que em bits serão visualizadas em pixels<sup>10</sup> (WERLE, 2002). No item descrição, trazemos uma breve contextualização que aponta a natureza do documento, a instituição onde ele fora encontrado e sua datação.

Nessa direção, as novas tecnologias têm muito a contribuir. Ao disponibilizar, via Internet, o acesso as fontes, pesquisadores de diferentes localidades poderão ter informações sobre o documento, a instituição onde ele foi produzido, sua datação e também onde ele pode ser encontrado em seus arquivos originais. Na área da história da educação experiências como estas tem sido cada dia mais comuns, muitas delas frutos das próprias ações do HISTEDBR, grupo ao qual estão vinculadas as ações de nosso trabalho.

A constituição de um banco de imagens, como assim também podemos caracterizar a HEB, poderá auxiliar na preservação do arquivo original, é o que esperamos ter feito com o arquivo escolar do Grupo Xavier Júnior, que teve em uma reforma parte de seu arquivo deteriorado. Mas estamos atentos ao que aponta Vidal (2002, p.61) que,

[...] de nada os recursos tecnológicos adiantam se a prática de avaliação, descarte e classificação de documentos e organização de arquivos não for disseminada e repensada em termos das necessidades atuais de investigação nas várias áreas, a partir de equipes interdisciplinares que concebam o documento como vestígio da atividade humana, nas suas múltiplas possibilidades, e não apenas pelo seu valor comprobatório.

Para além da criação de um repositório digital é preciso se pensar em estratégias que resguardem a segurança dos arquivos originais, ações que só poderão ser realizadas mediante a elaboração de uma política de valorização do documento como fonte da história e da memória de um determinado lugar.

Acreditamos ser necessário revisitar o projeto e ampliar seus objetivos, agregando a imagens, fotografias de época, vídeos e áudios com entrevistas, também relacionadas à história do campus III. Para tanto, as fases de levantamento e de mapeamento destas documentações precisam prosseguir em desenvolvimento, principalmente no que se refere às informações educacionais referentes à cidade de Bananeiras, dados que coletamos ainda

<sup>10</sup> Werle (2002, p.78), ao citar outros autores, traz as concepções de bytes e pixels, quando os descreve: 1 . bytes: “Um bit não tem cor, tamanho ou peso e é capaz de viajar à velocidade da luz. Ele é o menor elemento atômico do DNA da informação”; Já os pixels, são “imagens digitais constituídas, nas telas dos computadores, por pixels (Picture element), pontos que, juntos, formam uma imagem; um pixel é um ponto iluminado na tela”.

“superficialmente” em nosso projeto. É necessário constituir um grupo de pesquisadores que busque, investigue e colete fontes nos acervos pessoais de alguns habitantes e memorialistas da cidade, para dar encaminhamento e continuidade às digitalizações de novas fontes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **O uso das fontes documentais na Pesquisa em História da Educação e as Novas Tecnologias**. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/162/162>>. Acesso em 15-07-2016.

FARIA FILHO, Luciano (org.). **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias**. Questões para a história da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GREENBLATT, Stephen. **A Virada**: o nascimento do mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MELLO, J. B. de. **Evolução do Ensino na Paraíba**. 3. ed. Conselho Estadual de Educação – SEC, 1996.

PINHEIRO, Antônio Carlos. **O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a história da educação da Paraíba**: apontamentos para um estudo historiográfico. Disponível em: <[https://www.histedbr.fe.unicamp.br%2Facer\\_histedbr%2Fseminario%2Fseminario4%2Ftrabalhos%2Ftrab010.rtf&usg=AFQjCNEuMoNDPfk2vcaG\\_QpeiA2\\_TCrOKQ](https://www.histedbr.fe.unicamp.br%2Facer_histedbr%2Fseminario%2Fseminario4%2Ftrabalhos%2Ftrab010.rtf&usg=AFQjCNEuMoNDPfk2vcaG_QpeiA2_TCrOKQ)>. Acesso em: 10/08/2016.

SAVIANI, Dermeval. Apresentação. IN LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel de Moura (orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas/SP: Autores Associados (p.XIII a XXIV).

SILVA, Manoel Luiz da. **Bananeiras**. Sua história, seus valores. Bananeiras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Reminiscências**. Capítulos da História do Patronato Agrícola. Bananeiras, 1994.

\_\_\_\_\_. **História do Patronato ao Colégio Agrícola nos seus 90 anos**. Bananeiras, 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O livro e a biblioteca, o documento e o arquivo na era digital**. (2002). Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30598>>. Acesso em 19/06/2016.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Documentos escolares**: impactos das novas tecnologias. (2002) Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30600>>. Acesso em 19/06/2016.